

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

○ programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

DOUS DE DEZEMBRO.



Mais uma vez está escripto o memoravel dia Dous de Dezembro no grande livro dos fastos do Brasil, onde já por vinte e nove vezes se acha registrado, conservando em letras de ouro a memoria da felicidade do Imperio resumida em todas as virtudes que adornão a Pessoa de DOM PEDRO SEGUNDO. Neste diã nasceu Elle. O Céu encheu-O de seus dotes: e, para tornar completa a ventura dos subditos, reuniu ao Homem predestinado o Symbolo da Caridade e Modelo das mulheres.

SENHOR, em nome das senhoras fluminenses Aceitai as sinceras saudações que Vos dirigimos, pela Graça Divina de ver juntar-se mais um anno á Vossa inestimavel existencia.

SENHORA, permitti que Vos acompanhemos a render graças ao Omnipotente pela vida do Esposo Augustio, tão Digno da ventura celeste de ser o Esposo da mais virtuosa das Princezas, como de ser o Monarcha do povo mais digno de gozar os beneficios reflectidos das virtudes que adornão a Ambos.

Taes são, os sinceros votos das fluminenses e de todos os Brasileiros que á SUAS MAJESTADES IMPERIAES consagramos respeitosamente.

A REDACÇÃO DO JORNAL DAS SENHORAS.

CHRONICA DOS SALÕES.

Queridas leitoras, ainda mais bailes, quando já pensamos ter posto um ponto final nos nossos artigos por este anno. Valha-nos porém o furor dançante em novos assumptos para a nossa tarefa.

Com effeito está annunciada uma reunião da *Festa* para o dia 10 de presunte mez de dezembro, a qual esperamos que seja tanto mais concorrida e animada quanto para isso deve influir a escassez de occasiões para dançar e dar largas ao espirito; porque o verão veio com sua mão suada fechar as portas dos nossos grandes salões impondo-nos seu imperio quente e abafado.

Bem fez elle nisso, porque não são pouco frequentes os desagradáveis incidentes, consequências tristes, e enfim, molestias muitas vezes mortaes, que se desenvolvem em resultado de uma constipação motivada pelo ar que entra por alguma janella, ou por um sorvete ou limonada como lenitivo de uma animada valsa, ou mesmo pelo mais ligeiro descuido ao sahir em retirada de uma companhia.

Todas as minhas amigas devem ter noticias destes inconvenientes, e talvez estejam fartas de ouvir aos senhores esculapios e esculapinos, que o ar sempre humido do paiz, fazendo não sei que com a temperatura muito elevada, fazem que as constipações sejam mais prejudiciaes e assustadoras entre nós do que em outra parte.

Entendemos mesmo que, por cautela, não devemos acreditar em boas condições hygienicas das salas, porque, diz o medico de nossa casa, que basta a reunião muito numerosa em uma sala para que elle se torne insalubre, e em nossa opinião nada é tão prejudicial como a saude;

portanto insistimos em aconselhar-vos, minhas amigas, que prefirais os gozos de alguns mezes do agradável viver do campo aos prazeres das sociedades tumultuosas. Lá encontrareis o conforto para o corpo, na pureza do ar que respirardes — para o coração, na ingenuidade das affectões — para a intelligencia, na natureza toda, e para entreter as mais adormecidas horas do dia tereis na leitura, nos bordados, no desenho e na musica as fontes de mil impressões agradaveis para o vosso espirito.

Depois, quando a estação calmosa houver passado, reaparecereis radiantes de novas graças, exhalando todo o perfume da poesia delicada de sentimentalismo, que se bebe puro no ar animador das florestas, e, espalhando-as pelas turbas que vos cercarem, colhereis novos louros para ajuntar á corôa de conquistas de vosso espirito e elegancia, se já mesmo a não offerardes como emblemas de eterna dedicacão a um pensamento ou mesmo á realidade de vossas virtuosas preoccupações de todos os instantes.

Bem me entendeis, minhas amigas; e crêde que sinceramente vos desejo quanto vos digo, porque devo desejar-o em vista do modo por que encaro o mundo, e ainda mais em vista do que elle é na realidade.

E ser-me-ha extremamente lisongeiro poder noticiar vossas venturas como uns dos objectos de maior interesse que tenhamos de tratar nos nossos artigos, se com isso não incorrer no vosso desgosto a desconhecida e obscura

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUÁRIO DE RECEBER VISITAS. — Cabellos ondedados, voltados e presos na trança, que é amarrada por uma fita de veludo preto formando em baixo um laço dobrado de pontas curtas.

Vestido de nobreza violeta.

Saia ornada de seis folhos estreitos, sendo tres da mesma côr do vestido e outros tres roxos, entremeados uns com os outros.

Basquine alongada, fechada até á cintura, abotoada com seis pequenos botões, e enfeitada de uma tira de nobreza roxa que lhe passa pelo hombro, por cima da costura da manga, e a garante toda em volta. Este enfeite assim collocado chama-se em francez. — *Bretelle*.

Manga até ao cotovello coberta com quatro folhos, entremeados, roxo e violeta.

Meias mangas de punho fechado e collarinho de guipure, preso por um pequeno laço de fita amarella, de pontas curtas.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Chapéo de palha

de arroz enfeitado de plumas e bloude, com lacinhas de fita côr de rosa.

Vestido cinzento, de nobreza, com tres folhos de recorte largo, guarnecida de fita verde encrespada.

Basquine tallhada aos lados e aberta adiante por igual, guarnecida tambem de fita verde encrespada, e com a prisão de quatro lacinhas verdes sobre toda a abertura conchegando a basquine ao corpo.

Manga-pagode, com enfeites de fita verde encrespada simulando uma manga tallhada aos lados.

Sub-mangas de guipure, de punho fechado, com um lacinho em cima de fita côr de rosa.

Chale de *fillet*.

São de grande novidade e delicadeza estes chales, e chegarão muito a proposito á estação. Achão-se no armazem Wallerstein e G.^a, junto a um lindo sortimento de lindas caças e tafetás de verão.

O ÚLTIMO AMOR.

(Continuado do n.º 48.)

III.

O capítulo das declarações em todos os negócios de amor, é um capítulo inesgotável. A declaração é a pedra do toque de qualquer paixão. Se é verdade o dizer-se que na mesa e no jogo se conhece um homem, não o é menos afirmar-se que pela declaração se manifestam todas as faculdades do sentimento, e todas as graduações dos caracteres e das classes.

Eugenia, dias depois, recebia esta carta:—

« Vi-a e amei-a. Sei que nos separarão convenções tremendas e ligações sagradas. Mas posso eu desprezar a felicidade e entregar minha vida a um supplicio eterno? Porque não vim um momento mais cedo antes do seu casamento, para bradar com desespero: — Essa mulher é o meu sonho, o meu ideal, a pureza que eu amava, a estrella brilhante que me dizia: — não descreias da vida!... O destino, o implacável destino separou-me de ti, condemnando-te a viver nos braços d'outro, e a esparir de lagrimas o meu leito solitario! E que importa? Amo-te; amo-te ainda pertencente a outro, porque não são as leis nem os homens que têm poder para esmagar este amor immenso, que o Céu tinha abençoado antes que te arrancaassem os meus formosos sonhos; para te darem a um homem que talvez te não mereça! Anar-me-has tu? Oh! tem piedade de mim... tem piedade de ti, porque eu sei que me amas; ha presentimentos que não engañão, e eu sinto que deverá ser o que completasse a tua alma, aquelle que me pertencia repetir, ajoelhado ao altar: L's minha! sou teu! »

Eugenia nunca tinha lido frases tão poeticas nem imaginado sentimentos tão exaltados. A carta de L... havia sido um prodigio de calculo. Para abalar as duvidas ingenuas daquella alma virgem, invocára todas as hyperboles que se reproduzem espontaneas no momento solemne das grandes explosões do coração.

Para as mulheres de sociedade, ensaiadas em todas essas polemicas de sentimento, que tomão ás vezes uma paixão como um passatempo de espirito, ou como um antidoto eficaz contra o aborrecimento, esta carta seria attribuida a um poeta, no primeiro alvorecer do coração, e de certo serviria de assumpto aos mais triviaes commentarios, a essas banalidades vulgares de metaphisica amorosa, herança que a antiga geração feminina legou em morgado ás elegantes do seculo actual.

Para Eugenia foi uma revelação grandiosa, um presentimento sublime. Então pôde comprehender o vago, até ali mal preenchido, da sua existencia, essas vozes mysteriosas que lhe acordavam dentro d'alma, e que ella mal sabia definir, ignorando que para as existencias modestas, para os corações que crescem longe da corrupção das cidades, ha uma quadra na vida em

que se faz sentir imperiosa a necessidade de amar; hesouos de sentimento, que Deus concede ás naturezas privilegiadas que se perdem no centro deste mundo da civilisação, amassado de calculo, abjecto e de preconceitos atrozes, aonde o amor é apenas um impulso ardente dos sentidos, o casamento um contracto meramente commercial, aonde a alma se corrompe do mesmo modo no travesseiro conjugal, ou no leito de ignominia.

Como havia ella conhecer que aquelle homem a não merecia? A sciencia da vida não se aprende de improviso, e o talento e a virtude são os que vertem mais lagrimas, os que derramão mais sangue para essa iniciação dolorosa que nos deixa no fim como esses cedros gigantes, abalados pela tempestade e fulminados pelo raio.

Não respondeu aquella carta. Devorou-a com os olhos e com o coração; viu aquellas frases escriptas em fogo durante as mal dormidas noites, e nos seus sonhos febricitantes e sobresaltados. Então, quando via seu marido, sentia por elle uma repulsão instintiva; quando os seus labios lhe tocavam na testa com um beijo resignado e paternal, estremecia toda e gelava-se-lhe o sangue nas veias. Amaldiçoava-se a si, por ver que havia momentos em que chegava a aborrecel-o.

Um dia concebeu uma resolução nobre e energica. Resolveu confessar-lhe todo. Queria achar naquella amizade sincera um refugio seguro contra o seu amor. Como havia de ella resistir ao fervor do seu arrependimento e condemnar um sentimento que nascera em despeito da vontade, puro e virgem ainda, que se sustentava com as recordações de uma noite e com os protestos de uma hora?...

Foi direita ao seu gabinete. Viu-o triste como sempre, lendo um livro, com a cabeça encostada ás mãos, nesse recolhimento da meditação; que ás vezes se torna o unico abrigo contra as desillusões do mundo e os tormentos da vida. Cahiu-lhe aos pés, banhada em lagrimas, encostou a cabeça aos seus joelhos, e desafogou o coração em soluços e prantos.

— O que tens, Eugenia? disse-lhe o conde. Para que são essas lagrimas?... E erguen-a docemente, apertando-a ao coração.

— E' que já não posso soffrer o que soffro, sósinha... é que já me não amas como d'antes...

— Leio mais nos livros do que nos teus olhos, não é assim?... Sou velho — proseguiu elle com um sorriso triste. — tenho já os olhos enfraquecidos, não quero roubar a chamma que arde nos teus! Aborreceste-te de estar sósinha, entregaste aos cuidados das tuas criadas; queres ir ao mundo, aos bailes?... Não te poderei acompanhar, que já ha muito abandonei a sociedade; entregaste-hei aos cuidados da marquez de... tua parenta. De certo te has de divertir com

ella... é bella como um anjo, e passa por espi-
rituosa...

Eugenia não teve animo de fazer a sua confissão. Não quiz perturbar aquella confiança angelica e aquella bondade infinita. Enganava-se. O coude adivinhava naquellas lagrimas, naquelles terrores da innocencia, naquelle desespero da solidão, uma paixão poderosa. Podem rir-se delle os que não comprehendem a sublimidade de certos caracteres. Conheceu que, depois de perder o amor de Eugena, ia talvez perder a

consideração do mundo, e não recuou perante a grandeza do seu sacrificio... Quando a alma se eleva muito alto, vê os homens tão pequenos que já os não houve nas suas resoluções. Que direito tinha elle para crestar aquella vida que lhe fôra confiada, para esmagar para sempre aquelle coração, arrancando-lhe o mais poderoso, o mais elevado sentimento da vida — o amor?

(Continua.)

POESIA.

A JOVEN MAL.

— Que somno tão doce, formoso lourinho!
Bem vê-se que só — tu conheces do mundo

Meus ternos afagos,

Filhinho!

Se azas tivesses, os anjos do Céu

A' ti julgarão, — te vendo tão pulchro,

Na terra, quaes elles,

Anginho.

Dormindo tranquillo em suave repouso

A tez é mais pura, e a face mais rubra,

No cílio que a cobre,

Formoso;

E a palpebra tua, dormente, parece

As azas tão negras da véspera poisada

Na pet'la do lyrio.

Mimoso.

Seu rosto tão cheio das graças infantis

N'um Céu de innocencia e pureza nos mostra

Sua alma qual dia

Nitente.

Espelho, que o sopra inda não mariou,

Talvez, onde Deus há de um dia querer

Ver a sua imagem

Fulgente.

Filhinho! não deixes do mundo o tuão

Impuro, que estraga a florinha mimosa

Do infante innocente

Se erguer:

Deus sente que as flores se sequeem, se murchem,

Quando ellas vão, — longe da luz que aviventa,

Apenas abertas,

Morrer.

Eu quando te alento, com pranto nos ollios,

E á Elle offereço o meu unico Bem,

Thesouro me dado

Por Deus,

Eu vejo em teus ollios; eu o sinto resando,

Que Deus não regeita offerta tão cara,

Presente mandado

Dos Céos!

Assim, hei de eu sempre, filhinho, guiar-te

Na senda syrtosa, que chama-se vida,

De ti, pressurosa,

Afastando,

O seixo que pisa, e o espinho que fere;

E em paga não quero á meus ternos desvelos

Senão um sorriso,

Brincando!

Eu hei de mostrar-te nas flores mais bellas,

Occulto em prazeres, em brincos risonhos,

Abysmo terrível,

Profundo,

Em que cabe o louco, soltando blasphemias,

Sem ver no abysmo que ás flores occultão

Dous olhos de fogo

No fundo.

Eu quero, ó filhinho, tuas vozes primeiras,

Que balbas soltares, mui dignas de Deus!

Eu quero que a tua

Oração

Serena te alente de noite, ao dormir,

E venha acordar-te ao luzir d'aurora

De um dia nitente

E loução.



Illustration par M. de Bonville le 1844

Paris

LE MONITEUR DE LA MODE

Nous, Rue, Richelieu, 92



*Modes de M^{lle} Morain. Fleurs de M. Bonnet Vout et C^{ie} Colarpe et Robes
brodées de M^{lle} Crémère Sarg. Costumes de M^{lle} Nathalie (M^{me} Huchez), Mouchoirs
de Chapron, Cravates de M^{me} Clémenceau. Rubans et Dentelles de Richouet Bayard.
Parfums de Sieygrand fournisseur B^{te} de S. M. l'Empereur et des Cours étrangères.*

Eu quero que a Cruz, á teu collo suspensa,
Te escine o que é o peccado assassino,

Que fez o bom Christo
Morrer;

Que saibas o quanto tu deves amar
Quem para dar-te o Céu e o porvir

Quiz tanto por nós
Padecer.

Eu hei de juntar tuas tenras mãosinhas,
Farei reverentes adorares aos Santos,

Erguendo os teus olhos
Aos Céos:
E com que candor, com que graça supina
Dirás de joelhos os nomes tão Santos
Da Virgem Maria
De Deus!

Josefon.

Novembro 18 de 1834.

O CANTO DA ANDALUZA.

Sou filha do sol ardente
Que as Hespanhas allumia,
Daquelle sol que s'espraia
Na formosa Andaluzia:
Vejo na fronte cruzados
Os raios do meio dia!

Mostro nos olhos um fogo
Que no peito arde mais puro:
Os lindos negros cabellos
Com brancas rosas seguro:
Nem ha olhos mais formosos,
Nem cabello mais escuro!

E o seio que pulsando
Encerra chammas d'amor,
Tão debil cinto o sustenta,
Que o dissereis sem vigor:
Nem ha calix mais estreito
A suster mais linda flor!

Não são rosas espargidas
Sobre brancas açucenas,
Onde fulgurão meus olhos
Como estrellas mui serenas;
Este fogo em que me abraço
Cresta-me as faces morenas!

Debaixo das rendas pretas,
Que a mantilha me guarnece,
Os meus olhos inspirados
Mais formosos apparecem;
Tal nos véus que a noite esparge
Lindos astros resplandecem!

No meu cavallo andaluz
Carbosamente montada,
Que a negra juba, raivoso,
Mancha d'espuma nevada,
Sou, qual rãio scintillante,
Na voraz fuga levada!

Junto ao som d'uma guitarra,
Sólto a voz mui docemente;
Nas endeixas namoradas
Peço um coração ardente,
Que apertado nos meus braços
Este meu sentir augmenta.

Mas de balde a voz caçada
Já me pede esta illusão;
Não ha seio que palpita
Junto do meu coração:
Aniquillo bronzeos peitos
Co'a lava deste vulcão.

R. de Sá.

NOTE.

*A fé uma vez jurada
Só salta saltando a vida.*

Aleina, nunca manchada
Tu verás minha pureza,
Pois sustento com firmeza
A fé uma vez jurada.

Embora tu enganada
Me maltrates fementida;
Muito embora desabrida
Tu motives meu tormento;
Em mim o meu juramento
Só salta saltando a vida.

NOTE.

*Até o ar que respiras
Me abraça o peito em ciúme.*

Sei, Aleina, que suspiras
Abraçada em vivo ardor,
Sei que pertence a amor
Até o ar que respiras!
Ah! meu bem, vê que deliras
Nos grilhões do cego Nume!
Oh! sim, acendes o lume
Em meu coração zeloso,
Pois teu respirar mimoso
Me abraça o peito em ciúme.

O CÃO VOADOR.

CONTO POR M. EMILE GIRARDIN.

(Continuado do n. 48.)

CAPITULO II.

Sempre indeciso!

No dia seguinte, desde as quatro horas da manhã, que Leão estava levantado; tanta era a impaciencia de tornar a ver a princeza. Todos se achavam entregues ao somno, quando elle chegou ao castello, situado a pequena distancia do lugar que habitava M.^{mo} de Cherville durante o verão.

O pequeno Leão, esperando que a princeza se levantasse, começou novamente seus passeios indecisos; da casa dos cães para o viveiro de passaros, e do viveiro de passaros para a casa dos cães.

— Como este passaro encarnado tem tão bonitas azas! discorria elle. Oh! sim, é um passarinho que eu quero!

Então um momento depois proseguiu:

— E' tão divertido ter um cão, dizia elle, que nos acompanhe a toda a parte, que nos acaricie, que traga a mão o perdido, que vá á caça, que faça exercicio! Porque, enfim, um passaro não serve para coisa alguma; canta na sua gaiola, e eis-aqui tudo!

Mas logo depois continuava:

— Sem duvida; porém é commum ter um cão, mas nem todos têm um bello passaro que vem das ilhas!

A princeza o supprehendeu ainda nesta incerteza.

Muito bem, Leão! disse ella, já decidiste?

— Sim, madama; é um passaro que eu quero!

— Como? Tu não preferes um cão? Tenho um que é tão intelligente!

— Pois então, eu o accepto; vos tendes razão: eu prefiro um cãozinho!

A princeza se pôz a rir; e todo o tempo que durou o almoço se entreteve com a decisão do joven Leão.

Um criado, aproximando-se, lhe disse:

— Senhor, toma café ou chá?

— Chá, respondeu elle.

Porém no mesmo instante se reprimiu.

— Não, não, café; eu gosto mais de café: nunca o tomei em casa de minha mãe... entretanto o chá... mas, não; o café...

E o criado ficou durante este tempo, immovel, esperando que Leão se decidisse.

— Servi-lhe chá e café, disse a princeza, por que tendo tido um grande passeio esta manhã, pois se levantou ás quatro horas, deve ter muita fome!

O joven córou.

Leão, com os olhos fitos na princeza, pensava machinalmente como esta podia ter adivinhado

as horas a que elle se havia levantado, e o caminho que havia percorrido até chegar ali.

M.^{mo} Cherville affectava não o olhar; porém estava gozando da sua incerteza.

Logo que findou o almoço, esta, com um modo grave, dirigindo-se a Leão, disse:

— Segui-me.

O joven presentiu que se ia passar alguma cousa de extraordinário, pois que a princeza, que ordinariamente o tratava por tu, acabava de lhe dizer — segui-me — com um tom solenne.

A fada tinha na mão uma pequena chave de marfim: ella se chegou á parede, aonde se não descobria fechadura alguma, e no mesmo instante uma porta, até então invisivel, se abriu: do que Leão ficou muito maravilhado.

Elle seguiu a princeza em um comprido e estreito corredor, pelo qual andarão um quarto de hora, pouco mais ou menos. A escuridão era immensa; porém Leão não tinha medo. Enfim, ouviu a bulha de uma fechadura que se abria, e se achou em um magnifico pavilhão chinês, situado na extremidade de um rio.

CAPITULO III.

Flores phantasticas.

O sol resplandecia de todos os lados no pavilhão, e fazia brilhar as ricas cores das armações de seda, que encobriam as paredes da sala. As suas oito janellas estavam ornadas de soberbos vasos do Japão, cheios de flores e fructos, que Leão não tinha visto nunca em parte alguma, nem mesmo nas estufas mais acreditadas.

— Noireau não está aqui? disse a fada entrando no pavilhão; elle espera talvez que o chamem; faz o favor de o chamar, ajuntou ella dirigindo-se a Leão.

Este observou por todos os lados, porém não viu campainha.

— Colhei uma destas flores, continuou a princeza, mostrando a Leão um cacho de campainhas brancas, que cahião graciosamente dos ramos de uma bella arvore que o joven contemplava com muita admiração.

Leão obedeceu; mas, para colher a flor, sacudiu a dita arvore; e no mesmo instante se fez ouvir um repique tão espantoso, que Leão recuou assustado.

A fada, vendo o seu susto, quiz segurá-lo.

— Esta arvore é desconhecida neste paiz, disse ella; é oriunda da China; chama-se lyrio de campainhas, por causa da sua flor, que torna os sons iguaes aos de um sino, e que tem quasi a sua forma: é uma planta muito extraordinaria; não vos assusteis, vindo.

O joven se aproximou ao grande vaso, que encerrava esta planta maravilhosa; e a princeza se divertiu a fazer tocar todas as flores, umas apoz outras.

Os grossos lyrios, inteiramente floridos, tinham um som terrivel, como o sino grande de uma cathedral; as campainhas tinham o som grave e somoro, como a campainha de um collegio; enquanto os bolões tinham o som franco e agradável das campainhas que usão os cordeiros.

A fada fez tambem observar a Leão muitas outras plantas ainda mais exóticas.

Havia uma, entre outras, chamada moita de caranguejos. Suas folhas erão delicadas e recordadas, como as da salsa; e a flor muito comprida e encarnada, com duas pequenas nefeadas negras, que parecião olhos. Tinha a forma exacta de um caranguejo.

Mais distante estava um grandioso vaso do Japão, onde o joven observou uma outra planta, com a qual se entreteve summamente, porque a flor era inteiramente visivel.

— Esta arvore, disse a fada, é o grande herbol, ou palmeira de capotes.

Ella tinha o aspecto o mais extraordinario; seu comprido pé direito estava atravessado de ramos horizontaes, como o páo de joanette, mas cada um destes ramos fazia um grande gancho na extremidade. E' na extremidade deste gancho que a flor estava presa; esta flor tinha absolutamente a figura de um mui pequeno capote, ainda que fosse assás grande. Reunia rosas de todas as cores; azues, amarellas, encarnadas, lilaz; e teria tido com que enfeitar todas as honnecas do mundo, quem possuísse todas as capas desta arvore, da qual as fazendas de um mercador de modas ves poderião unicamente dar idéa!

Leão, encantado de ver tantas maravilhas, entreteve-se muito tempo com todas as flores, sem reparar em um pequeno negro, que o toque da primeira campainha tinha chamado.

— Noireau, disse a princeza ao preto dando-lhe a chave de marfim, de que ella se tinha já servido, e que, segundo parecia, abria toda a especie de fechadura; ide abrir o ninho de ouro e conduzi-me o cão voador.

Estas palavras soárão aos ouvidos do joven, apesar da bulha das campainhas, que absorvia a sua attenção.

— O cão voador!... repetiu elle admirado.

CAPITULO IV.

Como é feio!

— Sim, meu amiguinho, respondeu a fada: tu não tens podido decidir-te na escolha entre os cães e os passaros; eu tenho conhecido que não

poderias possuir um sem ter muita saudade do outro; mesmo tua mãe não te permitia ter um cão e um passaro: no entanto, para contentar os dous, eu te dou um cão, que é como o passaro mais veloz!

— Com effeito! exclamou Leão, não podendo tornar a si da sua surpresa, um cão como um passaro!... Como deve ser bonito!

E já o joven imaginava uma bonita galga, com pequenas azas; e, ao mesmo tempo, pensava se deveria mandar fazer-lhe um ninho, ou uma gaiola, quando Noireau appareceu, conduzindo o cão voador!

A sua vista Leão fez uma carantonha pouco agradável, vendo um tão raro animal!

O facto é, que o cão voador era medonho. Era muito corpulento, tinha grandes orelhas, quasi como os cães de agua; era mal feito, corcovado, a cauda cahida; e nunca se lhe terião suspeitado azas, com uma presença tão tristonha e desagradavel.

— Eis-aqui o vosso cão, disse a princeza!

Elle não tem muita apparencia de um passaro, respondeu Leão pouco satisfeito.

— Eu vejo que pouco vos agrada, replicou a fada; masizei-me francamente, que defeitos são os que lhe achasi?

O joven não ousava responder; porém, instado, disse:

— Acho-o muito medonho!

A princeza sorriu.

— Não lamenteis esse defeito, disse ella; em outra occasião julgareis que é uma vantagem.

Então a fada, tendo feito signal ao negro para se aproximar, lhe fallou em linguagem desconhecida; e Noireau levou o cão para o jardim que circundava o pavilhão. A princeza tomou o joven pela mão; ambos deixáráo o salão chinez, e forão assentar-se em um banco, para verem o que ia passar-se.

— Eu nunca vi um cão mais disforme, pensava Leão; estimaria mais um canario. O que quer M.^{mo} de Cherville que eu faça deste feio cão de agua? Porquanto eu não sei de que especie elle possa ser! Ha tão bonitos passaros no viveiro! porque não tenho eu escolhido um canario?

Emquanto se entregava a estas reflexões, o escravo tinha conduzido o cão voador para o centro de uma grande alcatifa de herba verde, e, depois de o ter acariciado docilmente, se lhe pôz, sem cerimonia, a cavallo sobre o costado.

Então o cão tinha endireitado as orelhas, como orgulhoso do seu cavalleiro, e ambos ficáráo immovéis esperando as ordens da princeza!

(Continúa.)

A Avareza.

Para se poder dar uma definição exacta desta paixão, fóra preciso conhecer um por um a todos quantos vivem de baixo do seu jugo; cada um é

dotado de um caracter particular, todos têm genios diversos, e a avareza sabe amoldar-se á disposição physica e moral de cada um.

E' esta a razão, penso eu, por que existe no amor do ouro uma singularidade mais indefini-

vel, e muito maior obscuridade do que no problema mais intrincado, e extravagante com que se tenha cansado o espirito humano; e tambem, quando esta paixao parece buscar alguma coisa mais, alem da sua propria satisfacao, receio que pouco haja que dizer, bem pouco; em louvor da sua humanidade. Ella pode, e verdade, fazer o encanto da vida do avarento; mas, pensal bem na ruina que necessariamente deve ella causar a outros muitos. No momento que esta sordida paixao principia a apoderar-se do coração humano, nelle se extinguem os sentimentos de honra e humanidade! O homem avaro não se lembra mais do que deve a seus pais, a seus filhos, a seus amigos! Para sempre se esquece de todos os seus deveres. Oh!ai! Eil-o, ali o tens destituido de toda a piedade: não o commovem os pungentes gritos da justiça: os queixosos ais da desgraça abatida não chegam a seus ouvidos. O Deus eterno! Observa-o; elle passa por perto daquelle desgraçado a quem teu braço acaba de ferir, e nem ao menos uma palavra consoladora lhe dirige; — elle entra na choupana daquelle viuva, a quem tu roubaste o esposo, o filho; e, sem soltar um só suspiro, exige, arranca o pagamento de sua dívida! O meu Deus! Se tenho um dia de ser seduzido, seja ao menos por algumas paixões generosas — pela da gloria ou da ambição — se tenho de succumbir, embora, mas que eu succumba á força de alguma dessas propensões, que, sem nunca me empederem o coração, me permitta eu ainda retroceder e voltar a teu seio.

Inveja e emulação.

A differença entre a inveja e a emulação é na verdade delicada; pois que assim como é facil a qualquer allucinar-se persuadindo-se que só tem emulação quando verdadeiramente é invejoso; assim tambem pôde acontecer que se repreve nos outros, como um effeito de inveja, o que não é mais que um resultado de emulação.

Parece-nos que se podem distinguir estes caracteres, estes dous movimentos tão semelhantes em apparencia, e dos quaes, contudo, um é uma virtude, e o outro um vicio. A emulação é uma paixao nobre e generosa que não pôde ter por objecto senão a virtude; não se encaminha a anniquillar os outros; não diminue coisa alguma dos louvores que elles merecem; não deseja que elles sejam menos estimaveis; mas nos reprehende do intervalo que deixamos entre nós e elles. Emfim, se alguma vez se acha de mau humor, somente a nós o faz sentir, sem jámais odiar os que nos excedem.

A inveja, pelo contrario, é uma paixao infame

e consumidora, que corrumpo a mesma virtude com a sua aerimania; procura machucar o lustre das melhores acções por um sopro envenenado; não cuida mesmo em subir, comtanto que por isso descaão os outros, e fiquem muito abaixo della.

A primeira é uma filha do Céu e um precioso resto da grandeza humana; a outra é um fructo do inferno e do demonio, que por inveja se perdou a si mesmo, e que, para perder o primeiro homem, se serviu deste veneno contagioso.

Desprezo do mundo.

D. Francisca de Attaide foi uma senhora tão illustre como formosa. Por estas bellas qualidades foi pretendida pelos mais distinctos cavalheiros, aos quaes, pelo amor que conservava pela sua liberdade, ou antes por um estimulo prophetico, deliberadamente negou eua mão. « Sim, dizia ella, procurão-me porque me julgão formosa, e não advertem que minha belleza é transitoria. » E com effeito; aos vinte e seis annos foi affectada de uma lepra terrivel que a tornou defeituosa e feissima; e tanto que indo visital-a o bispo de Coimbra; seu tio, chorou ao vel-a.

— Meu tio, lhe disse ella rindo-se, porque chora quando eu me alegro? E qual será o preso que vendo arruinar-se as paredes do seu carcere se não encha de contentamento? Que importa que minha face pareça feia; se minha alma for bella?

CHARADA.



Aqui e ali ligeira mão armada
Busca e segue á dar certo corte;
Até que o vil, sem lhe doer tão triste sorte,
Aos pais a filha rouba, a filha amada. 2

Ai!... já eu sinto a hora aproximada;
Este frio, esta agonia... oh! quanto é forte!...
Vem, vem socorrer-me, ó negra morte!...
E a mis'ra adeja e cabe inanimada. 1

Estima tal acção por meritoria;
Combateu e esforços fez sem aggressor;
A fama ecoa quem ganhou victoria;

Tyranno! és da innocencia o oppressor;
Disso é va, se te resta alguma gloria;
Deixa essa paixao, deixa o furor!

Julietta.

A charada do n.º 48 é: *Corcovado.*

Acompanha este n.º 49 uma estampa com figurinos de passeio e receber visitas.